

O Twitter é um lugar tóxico para mulheres, diz Anistia Internacional

Em relatório, a ONG descreve ataques e ameaças gráficas constantes na plataforma

[\(CartaCapital, 07/04/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Durante 16 meses, a Anistia Internacional conduziu pesquisas qualitativas e quantitativas sobre as experiências de mulheres no Twitter, incluídos abusos e violências enfrentados pelas usuárias da plataforma.

O relatório, publicado no fim de março, define a rede social como um ambiente “tóxico” para mulheres, cada vez mais coagidas a não se expressar livremente para evitar abusos de outros usuários.

Foram entrevistadas 86 mulheres entre jornalistas, políticas, ativistas, escritoras e integrantes de grupos minoritários, entre outros. A pesquisa destaca as experiências particulares de violência contra mulheres de cor, minorias étnicas ou religiosas, lésbicas, bissexuais, transexuais, indivíduos não-binários e mulheres com deficiências.

Casos de abuso na plataforma são frequentes, diz a ONG, mas nem sempre os responsáveis pelos mesmos acabam punidos ou investigados pelo Twitter. Desta forma, a rede social alimenta o comportamento agressivo, com impacto negativo na vida de muitas mulheres.

No relatório, a Anistia Internacional reconhece que indivíduos de todos os gêneros estão sujeitos a ataques nas redes sociais, mas destaca que os abusos cometidos contra as mulheres costumam ser sexistas, sexualizados e com referências específicas aos seus corpos. Eles têm como objetivo humilhar, intimidar, degradar e silenciar usuárias pelo fato de ser mulheres.

As entrevistadas relataram um amplo leque de violências às quais foram

expostas no Twitter, como ameaças físicas diretas e indiretas, ameaças de violência sexual, abusos específicos contra a identidade feminina, e ameaças de violação de privacidade (como publicar imagens íntimas ou informações pessoais para causar transtornos ou humilhar a vítima).

Em novembro do ano passado, a Anistia Internacional encomendou uma pesquisa online para investigar abusos enfrentados por mulheres nas redes sociais de oito países, entre eles o EUA e o Reino Unido.

Os resultados mostraram que 23% experimentaram algum tipo de abuso ao menos uma vez. Nos EUA e Reino Unido, 59% daquelas que experimentaram abusos ou assédio disseram que os ataques partiram de estranhos.

No Reino Unido, 18% afirmaram que os responsáveis pelo ataques eram ex ou atuais parceiros. Esse número foi de 23% nos EUA. A mesma pesquisa ainda mostrou que 29% das mulheres norte-americanas (27% no Reino Unido) experimentaram ameaças de violência física ou sexual em redes sociais, entre elas o Twitter.

No relatório da ONG de março deste ano, uma ativista pelos direitos das mulheres relata ter recebido 200 mensagens abusivas por dia no Twitter. Os ataques aumentavam conforme ela aparecia na mídia.

Esse tipo de ataque teve profundo impacto na sensação de segurança das mulheres entrevistadas. Algumas chegaram a adotar medidas de proteção no “mundo real”, como mudar o sobrenome dos filhos na escola para protegê-los. Uma outra mulher passou a recusar aparições na mídia durante sua gravidez por temer ataques.

A Anistia destaca que o Twitter não revela publicamente como responde aos abusos cometidos em sua plataforma ou como implementa suas regras. A empresa se recusou três vezes a compartilhar com a ONG informações sobre o processo de denúncia de usuários e o índice de resposta a essas denúncias. Diversas mulheres entrevistadas pela organização internacional acusaram o Twitter de não lidar corretamente com suas denúncias.

Segundo a rede social, os dados absolutos não seriam “informativos” e poderiam ser “enganosos”, pois, em muitos casos, usuários denunciam

conteúdos apenas para silenciar outros indivíduos. A empresa informa que pode demorar até 24 horas para confirmar o recebimento de uma denúncia, mas não há garantia explícita de que a plataforma irá responder aos relatos de abuso ou em quanto tempo isso ocorreria.

Gabriel Bonis

O dia de horror racista que Leslie Jones, de ‘Caça-Fantasmas’, viveu no Twitter

(Brasil Post, 19/07/2016) A atriz Leslie Jones, que interpreta Patty Tolan na nova versão de Caça-Fantasmas deveria estar comemorando o sucesso do longa - que estreou na semana passada sob elogios da crítica e dos fãs do filme original.

Deveria, mas não está.

Depois de emocionar o mundo ao falar sobre representatividade negra na mídia, em uma declaração emocionada à Whoopi Goldberg, Leslie enfrentou um começo de semana cruel. Muito cruel.

Ela que também é comediante do programa Saturday Night Live passou a última segunda-feira (18) longe do humor e mais próxima da dor, em uma briga contra racistas no Twitter.

Ao longo do dia, ela foi bombardeada por insultos de diferentes usuários do microblog, que enviaram mensagens, fotos e montagens com a sua figura.

Ok I have been called Apes, sent pics of their asses, even got a pic with semen on my face. I'm tryin to figure out what human means. I'm out

— Leslie Jones (@Lesdoggg) [18 de julho de 2016](#)

“Ok, eu já fui chamada de macaco, recebi fotos de bundas e até uma imagem com esperma no meu rosto. Estou tentando descobrir o que é o ser humano. Desisto”

Num primeiro momento, a atriz decidiu bloquear os usuários que a atacavam. Em seguida, decidiu retuitar as ofensas, como forma de denúncia, pedindo ajuda aos seguidores.

You know I'm gonna stop blocking so y'all can go through my feed yourself and see the bs. You won't believe the evil. It's fucking scary

— Leslie Jones (@Lesdoggg) [18 de julho de 2016](#)

“Vou parar de bloquear, então todos vocês poderão vir na minha ‘timeline’ e ver tudo por vocês mesmos. Vocês não vão acreditar como são maus. É assustador”

Exposing I hope y'all go after them like they going after me
pic.twitter.com/ojK5FdIA0H

— Leslie Jones (@Lesdoggg) [18 de julho de 2016](#)

“Espero que vocês vão atrás deles da mesma forma como eles tão vindo para cima de mim”

[Veja alguns tweets](#) racistas compartilhados pela atriz:

Depois de inúmeras mensagens racistas compartilhadas, Leslie passou a receber apoio dos fãs por meio da hashtag #loveforlesliej (Amor para Leslie J, em português).

Usando a hashtag, o diretor do filme, Paul Feig, saiu em defesa da atriz:

“Leslie Jones é uma das melhores pessoas que eu conheço. Qualquer ataque

peçoal contra ela é um ataque contra todos nós.”

Algumas celebridades também [expressaram apoio à Leslie](#).

Depois de retuitar algumas mensagens de apoio, Leslie pediu ao Twitter que tomasse alguma medida em relação aos usuários racistas:

“Eu entendo que você tem a liberdade de expressão. Mas tem que haver algumas diretrizes quando você propaga o ódio assim.”

Em seguida, o chefe executivo da companhia, Jack Dorsey, se pronunciou, pedindo que Jones envie uma mensagem direta a ele.

Ao longo do dia, a atriz fez vários desabafos, inconformada com os ataques recebidos. No final do dia se despediu dos seguidores com a seguinte mensagem:

I leave Twitter tonight with tears and a very sad heart.All this cause I did a movie.You can hate the movie but the shit I got today...wrong

— Leslie Jones (@Lesdoggg) [19 de julho de 2016](#)

“Eu estou saindo do Twitter hoje com lágrimas nos olhos e um coração muito triste. Tudo isso porque eu fiz um filme. Você pode ter odiado o filme, mas a merda que passei hoje é simplesmente... errada.”

Acesse no site de origem: [O dia de horror racista que Leslie Jones, de ‘Caça-Fantasmas’, viveu no Twitter \(Brasil Post, 19/07/2016\)](#)

No Twitter, quase um milhão de

mensagens contra cultura do estupro

(JC Online, 04/06/2016) Mobilização contra estupro mostra força da rede de solidariedade na Internet

Ambiente de divulgação do vídeo de estupro coletivo contra uma jovem de 16 anos do Rio de Janeiro, o Twitter se transformou, logo em seguida, em uma importante ferramenta de denúncia e de discussão sobre a cultura do estupro. Um levantamento feito por Bianca Bortolon e Luísa Perdigão, pesquisadoras do Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) mostra a força dessa rede de solidariedade.

Entre os dias 20 e 27 de maio, 999.826 mensagens foram publicadas sobre o tema no Twitter por 343.543 usuários. Se número de quase um milhão de tweets impressiona, também chama atenção o fato de a rede ser majoritariamente de pessoas que prestavam solidariedade a jovem e denunciavam a cultura do estupro, enquanto o número de postagens criminalizando a vítima era mínimo.

“O que me chamou atenção foi um caráter de denúncia. E depois se tornou uma rede de afeto, de sororidade. Foi engraçado porque no Facebook houve vários comentários negativos. E depois formou-se toda uma rede de apoio. Tanto no Facebook, quanto no Twitter”, explica Luísa Perdigão, uma das autoras do levantamento.

No Twitter, o movimento começou a ganhar força como uma ação para denunciar a publicação do vídeo. No gráfico que mostra os perfis mais mencionados entre os 62.662 que foram citados nas mensagens, as contas da Polícia Federal e da Polícia Civil do Rio de Janeiro aparecem com destaque, assim como os dos três per~~continua~~ que compartilharam o vídeo.

Quando são analisados os 743.776 retweets, perfis de humor se destacam. Principalmente as contas @majutrindade, @cleytu e @itspedrito. Mas eles foram usados como ferramenta para ampliar a discussão, não para fazer

piada sobre o caso de estupro.

“Isso foi uma coisa bem interessante. Qualquer assunto, principalmente de política, que a gente vai discutir na rede, gera aqueles memes espontâneos. Eu acho que por ser um tema muito sério, até os per^續續s humorísticos trataram de uma forma séria. Eu nem imaginava inicialmente que eu fosse encontrar per^續續s de humor nessa rede. Eles usaram esse engajamento que eles já têm em prol de divulgar a mobilização contra a cultura do estupro”, diz Luísa.

FEMINISMO - Uma das hipóteses para a força do movimento “30 contra todas” é que as redes sociais têm se tornado um terreno fértil para os debates sobre feminismo e o empoderamento feminino. Durante as ações contra a cultura do estupro, outros casos relacionados à violência contra mulher voltaram a tona, como o atentado contra a apresentadora Ana Hickmann e a denúncia de violência doméstica da atriz Amber Heard, casada com o ator Johnny Depp.

“Tem um tempo que a gente está acompanhando alguns movimentos na Internet mais direcionado ao movimento feminista. E a gente está vendo que há uma sucessiva utilização de hashtags para a mobilização em rede em prol desse assunto. Como a do primeiro assédio. A hashtag tem sido um movimento de luta para levar esse debate e fazer com que esse tema esteja em voga”, conta Luísa.

Paulo Veras

Acesse no site de origem: [No Twitter, quase um milhão de mensagens contra cultura do estupro \(JC Online, 04/06/2016\)](#)

Dilma: Redação do Enem foi momento de reflexão sobre a violência contra a mulher

(O Estado de S. Paulo, 12/01/2016) Após uma reunião com o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, a presidente Dilma Rousseff usou as redes sociais para destacar a importância do tema da redação do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), que tratou da violência contra a mulher. “A redação foi momento de reflexão não só para os participantes, mas para toda a sociedade”, escreveu a presidente no Twitter.

Leia também:

[Mulheres em situação de violência devem procurar o Ligue 180 \(SPM, 12/01/2016\)](#)

[Redações de alunas no Enem chamam atenção com relatos vividos de agressão \(Correio Braziliense, 12/01/2016\)](#)



Dilma Rousseff @dilmabr · 50m

A sociedade brasileira precisa avançar e acabar de vez c/ a cultura da violência. Não aceite e não compactue! Denuncie! #Ligue180

135 190



Dilma Rousseff @dilmabr · 51m

O aumento da conscientização sobre a violência contra a mulher ajuda a combater a violência.

116 153



Dilma Rousseff @dilmabr · 51m

Em muitos destes casos a violência está bem próxima. A redação foi momento de reflexão não só p/ os participantes, mas p/ toda a sociedade.

95 122



Dilma Rousseff @dilmabr · 51m

Muitas redações preocuparam os avaliadores c/ depoimentos de pessoas q foram assediadas, estupradas ou testemunharam violência.

Leia a íntegra no Portal Compromisso e atitude: [Dilma: Redação do Enem foi momento de reflexão para sociedade \(O Estado de S. Paulo - 12/01/2016\)](#)

Twitter anuncia medidas para frear conteúdos abusivos e hostis

(Folha de S.Paulo, 30/12/2015) O Twitter dará novos passos para impedir o comportamento abusivo e a conduta de ódio na rede social.

A medida foi anunciada nesta terça-feira (29) enquanto as redes sociais enfrentam pressões dos Estados Unidos e de outros governos depois dos ataques em Paris e na Califórnia, para que se tente eliminar as incitações ao ódio e atos de violência.

“Acreditamos que a proteção contra abusos e assédios é uma parte vital para que as pessoas possam se expressar livremente no Twitter”, disse a diretora de segurança e confiança online do Twitter, Megan Cristina.

“Hoje, como parte dos nossos contínuos esforços para combater o abuso, estamos atualizando as regras do Twitter para deixar claro o que consideramos comportamento abusivo e conduta de ódio. Não vamos tolerar comportamentos que visem assediar, intimidar ou usar o medo para silenciar a voz de outro usuário”, afirmou.

As novas regras estabelecem que os usuários do Twitter “não podem fazer ameaças de violência ou promover a violência, incluindo ameaças ou promoção do terrorismo” e que “não podem incitar ou se envolver em abuso ou assédio contra outros.”

A atualização também contempla que os usuários “não podem promover a violência nem atacar diretamente ou ameaçar outras pessoas baseadas em raça, etnia, nacionalidade, orientação sexual, gênero, identidade de gênero, afiliação religiosa, idade, doença ou deficiência.”

A empresa disse que proibirá as contas que infrinjam essas regras e suspenderá as contas criadas para evitar as suspensões temporárias ou permanentes.

Pressão Externa

As autoridades europeias e norte-americanas tem pressionado as redes sociais para tomar medidas mais claras em relação às incitações de ódio depois dos ataques em Paris e na Califórnia.

No início deste mês, a Casa Branca convidou empresas de internet e outros atores para um diálogo sobre o tema, dizendo que é preciso fazer mais “quando o uso das redes sociais cruza a linha entre comunicação e conspiração terroristas.”

A Comissão Europeia também chamou para uma conversa as principais redes sociais, enquanto a França aprovou medidas de emergência para derrubar sites ou contas em redes sociais que incitem ações terroristas.

As redes sociais disseram estar fazendo o possível para evitar a difusão de mensagens de ódio ou violência, mas advertiram que qualquer legislação que exija filtrar ou denunciar atividades inapropriadas pode ser contraproducente.

Acesse no site de origem: [Twitter anuncia medidas para frear conteúdos abusivos e hostis \(Folha de S.Paulo, 30/12/2015\)](#)

Após comentários pedófilos, participante some do ‘MasterChef Jr.’ e ‘Pânico’ faz piada polêmica

(R7/Ktv, 28/10/2015) Coincidência ou não, a menina que gerou muita repercussão na estreia do “MasterChef Júnior”, da Band, a jovem Valentina,

de 12 anos, teve sua participação reduzida na edição do reality exibida ontem (27).

Na estreia da atração, na semana passada, Valentina foi alvo de comentários de cunho sexual, incitando a pedofilia. Brincadeiras sem graça e até assédio explícito envolvendo a menina foram publicados nas redes sociais em sua primeira aparição no vídeo.

Leia mais: [Falar, ouvir, por Fred Coelho \(O Globo, 28/10/2015\)](#)

O caso teve repercussão nacional e internacional, com a criação de campanhas contra esse tipo de assédio e respostas duras por parte da Band, dos pais da menina e até dos jurados do “MasterChef”.

“Sobre essa Valentina: se tiver consenso, é pedofilia?”, era o que dizia um dos tuítes a respeito da garota de 12 anos.

Na edição de ontem (27), Valentina pouco apareceu. A emissora parece ter reduzido as imagens da menina no reality, a fim de baixar a poeira em cima do caso polêmico. Nas redes sociais, a diminuição da participação de Valentina foi sentida pelos internautas. Muitos comentaram.

“A Valentina tomou chá de sumiço?”, perguntou um internauta.

“Valentina ficou no ar só 10 segundos? é isso”, questionou outro.

Só que a confusão parece estar longe de acabar. A turma do “Pânico”, da Band, fez uma piada no Twitter que foi muito mal interpretada. Logo após o “MasterChef Júnior” o Twitter no programa postou :”Aysha panicat”.

Aysha é uma pequena participante do reality de gastronomia, que tem apenas 9 anos. Bastou para os internautas baterem forte no humorístico, com o argumento que o comentário tem apelo sexual e nada tem a ver com uma criança.

No olho do furacão e temerosa pelo o que esses casos podem ainda render, a Band deve questionar o “Pânico” sobre a brincadeira totalmente fora de hora.

Acesse no site de origem: [Após comentários pedófilos, participante some](#)

Mulheres compartilham suas experiências de aborto na tentativa de acabar com o estigma

(R7/Mulher, 22/09/2015) Milhares de mulheres em todo o mundo usaram o Twitter para compartilhar suas experiências de aborto, com o objetivo de combater o estigma que ronda o procedimento. Ativistas como Amelia Bonow e Kimberly Morrison começaram a usar hashtag “#ShoutYourAbortion” (divulgue seu aborto) durante o fim de semana e a frase explodiu em todo o mundo, chegando aos trending topics mundiais. Mais de 60 mil mulheres, até o momento, já explicaram sua decisão de fazer um aborto.



Amelia Bonow foi a primeira a postar um depoimento no Facebook, desencadeando o movimento. As ativistas foram motivadas a iniciar a campanha depois que a Câmara dos Deputados dos EUA votou uma medida controversa para remover financiamento federal para a Planned Parenthood (uma instituição médica que oferece métodos contraceptivos gratuitamente).

Ao BuzzFeed, Amelia disse que fez sua postagem pois ela garante ter tido uma “experiência incrivelmente positiva” de aborto e para posicionar-se contra o fim do financiamento ao Planned Parenthood.

— Quis mostrar a outras mulheres o que eu sinto e lembrar que o nosso silêncio penetrante indica que o estigma ganhou.

A campanha ganhou a adesão de mulheres que relatam suas experiências, e as histórias vão desde garotas abusadas que fizeram aborto até jovens que passaram pelo procedimento quando adolescentes, mas que foram mães mais tarde. Há ainda mulheres que simplesmente admitem que fizeram aborto e defendem que este é uma decisão que só diz respeito a elas e a mais ninguém.

Acesse no site de origem: [Mulheres compartilham suas experiências de](#)

Brasil não aceita conviver com preconceito racial, diz Dilma no Twitter

(Agência Brasil, 20/07/2015) A presidenta Dilma Rousseff disse hoje (20) que o Estatuto da Igualdade Racial, que comemora cinco anos nesta segunda-feira, ajuda a combater o racismo e que o Brasil, por ser uma terra generosa, não aceita “conviver com a intolerância e o preconceito”. Ela afirmou, no Twitter, que o preconceito não deve ser tolerado e pediu que as pessoas denunciem casos de racismo.

Leia mais: [Ministra pede apoio de estados e municípios no combate ao racismo \(Radioagência Nacional, 20/07/2015\)](#)

A lei, sancionada em 2010, propõe itens que equiparam os direitos dos negros em áreas como saúde, educação, liberdade religiosa e trabalho. Na opinião de especialistas, no entanto, os desafios são muitos, a começar pela própria resistência dos brasileiros em aceitar a existência de racismo no Brasil.

De acordo com Dilma, o estatuto é uma conquista para todos os brasileiros, fruto de anos de lutas do movimento negro e de um compromisso do governo. “O Estatuto da Igualdade Racial é a base para ações de combate a todas as formas de racismo e discriminação racial. O Brasil é uma terra generosa e não aceita conviver com a intolerância e o preconceito. Não aceite o preconceito. Denuncie!”, postou a presidenta.



Estatuto da Igualdade Racial (Foto: Reprodução)

Paulo Victor Chagas; Edição - Maria Claudia

Acesse no site de origem: [Brasil não aceita conviver com preconceito racial, diz Dilma no Twitter \(Agência Brasil, 20/07/2015\)](#)

Twitter faz parceria com ONG e entra na luta contra assédio sexual de mulheres na internet

(Brasil Post, 10/11/2014) O propósito inicial - e na teoria - das redes sociais é conectar as pessoas e aproximá-las do compartilhamento de ideias.

Certo?

Mas o problema é que o chamado “chorume” aumenta a cada dia a ponto de essa conexão acabar com relações pessoais, no caso das eleições, se tornar até crime, quando ofensas se transformam em assédio sexual e no chamado cyberbullying

Para conter esse tipo de problema, o Twitter anunciou uma parceria com a [ONG americana Women, Action & The Media \(WAM!\)](#) para tentar controlar o assédio contra as mulheres no microblog.

Mas como será possível?

As denúncias poderão ser feitas por meio de um formulário online, que está disponível na página a WAM!. O usuário pode fazer uma denúncia sobre um caso pessoal ou até relatar o que viu acontecer com outro usuário da rede. Depois disso, as queixas passam por uma triagem e os casos de maior relevância são reportados ao Twitter que tomará as medidas cabíveis. As

informações são do WAM!.

De acordo com informações do Polygon, ações como estas, apesar de evidenciarem os culpados e ações irregulares, têm efeito mínimo e a resposta não é imediata. Com a parceria, o Twitter pretende tornar esse processo um pouco mais ágil, levando problemas graves à justiça e impedindo o acesso dos infratores à rede social.

O formulário a ONG está disponível somente em inglês, mas traz questões objetivas, com o número de vezes em que o abuso foi reportado, se a vítima sente que há risco à vida, e de que forma o assédio está acontecendo, além de um espaço para descrições detalhadas - com links e tweets que possam servir de provas.

Parcerias para combater o assédio já

Jaclyn Friedman, diretora executivo dea WAM!, contou, em entrevista ao HuffPost US que a ferramenta tem sido alvo deste tipo de comportamento bem antes do chamado #GamerGate começar. [Não sabe o que é? Clique aqui!](#)

“Nós sentimos que, a forma como o Twitter é hoje, não contabiliza o número de mulheres que sofrem assédio todos os dias”, disse.

A ONG ainda elogiou a iniciativa do Twitter, afirmando que a empresa dá mais um passo na direção da liberdade de expressão, permitindo igualdade entre todos os usuários.

Para a organização, a parceria é uma medida importante para garantir que todos possam falar livremente sobre o que acreditam sem serem vítimas de abusos, assédios e outros atos de violência virtual.

Um representante do Twitter contou ao HuffPost que esta é só mais uma das parcerias que a empresa pretende fazer para combater os abusos feitos na plataforma - já que não há um método eficaz de controle do que os usuários falam ou deixam de falar na rede social.

Além da iniciativa do Twitter, você também pode denunciar no Facebook.

Mas além de mecanismos das próprias redes sociais, existem outras formas de se defender e denunciar caso você seja vítima desses abusos online. O coletivo feminista Think Olga montou, em parceria com a Dra. Gisele Truzzi, advogada especialista em Direito Digital, um f.a.q jurídico de violência na internet, e dá o passo a passo de como agir se você é uma vítima ou se viu alguém sofrendo este tipo de assédio.

Andréa Martinelli

Acesse no site de origem: [Twitter faz parceria com ONG e entra na luta contra assédio sexual de mulheres na internet \(Brasil Post, 10/11/2014\)](#)

Só 140 caracteres de compromisso

(El País, 19/08/2014) Michelle Obama foi das primeiras. A primeira-dama dos Estados Unidos postou em 7 de maio uma foto em seu perfil do Twitter, seguido por mais de 5,4 milhões de usuários. Na fotografia ela segura um cartaz com a mensagem: [#BringBackOurGirls](#). Para os não iniciados: o sinal da cerquilha é o complemento indispensável na rede social para marcar um *hashtag*, uma tendência. O texto significa: “Tragam nossas meninas de volta”. A mensagem era dirigida ao Boko Haram, um grupo radical islâmico que atua há pelo menos cinco anos e já faz quatro meses que mantém sequestradas 200 meninas.

Líderes políticos de todo o mundo se uniram à causa. O primeiro-ministro britânico, David Cameron; a secretária-geral do Partido Popular, María Dolores de Cospedal; a jovem ativista paquistanesa Malala Yousafzai... E também os atores Antonio Banderas, Salma Hayek, deputados mexicanos e colombianos, e até Sylvester Stallone. Uma petição nessa linha recolheu mais de um milhão de assinaturas e [#BringBackOurGirls](#) foi replicado quase 1,5 milhão de vezes.

Mas os avanços para o resgate das garotas foram mínimos, e o Boko Haram, que na língua hausa significa “a educação ocidental é pecaminosa”, continuou operando, sem *hashtag* que detenha seu avanço. Em 10 de agosto sequestraram outras 50 pessoas e o grupo terrorista instaurou no norte da Nigéria um regime “quase medieval”, segundo a BBC e a Reuters. O assunto perdeu força nas redes. A pergunta fica no ar: o que faz com que uma campanha social nas redes realmente mantenha o impulso?

“#BringBackOurGirls se perdeu no mar do conteúdo viral que inunda as redes sociais. Existe uma empatia, mas o que mais podem fazer? Muitos analistas opinam que as redes sociais nos transformaram em cidadãos mais conscientes. Eu não concordo de modo algum. Elas nos tornaram mais conscientes por alguns segundos, mas se não vemos uma mudança na trama em pouco tempo, a atenção do público se desvia, com rapidez, para outra parte”, diz a psicóloga especializada em temas sociais Ramani Durvasula.

Outro motivo está relacionado com a “facilidade” das redes sociais para o compromisso, afirma o professor e consultor em redes sociais William Jackson. “Qualquer um pode postar suas opiniões no Facebook ou Twitter, mas isso não significa que ao fazer isso esteja se envolvendo na política da questão concreta.”

E como ir mais além da superfície? A professora Monique Anair, da Universidade de Santa (Estado do Novo México), tem uma teoria. “As redes sociais podem ser muito eficazes para chamar a atenção para uma questão. Mas para sustentar a atenção na questão é importante conseguir que a audiência se identifique com quem está sendo afetado. E essa é uma responsabilidade dos meios de comunicação tradicionais.” O jornalismo, em outras palavras. “As redes sociais vão rápido, a oportunidade de enredar uma audiência maior é muito grande, mas a de manter os teus eleitores, muito limitada.”

A professora Helen Benedict, da Universidade Columbia, especialista em questões ligadas ao impacto da guerra sobre as mulheres, pondera que o mais importante é estabelecer a empatia com uma das pessoas envolvidas. “Se pelo menos conhecêssemos uma dessas meninas, logo em seguida haveria empatia.”

Mas, as redes sociais nos transformaram em insensíveis? Não exatamente. A escritora, ativista e colaboradora do *The Huffington Post* Soraya Schemaly opina que para muitos a falta de acompanhamento “profundo” dos assuntos é um mecanismo de defesa diante da esmagadora realidade. O famoso retuíte, então, se torna um alívio em meio à avalanche de más notícias às quais um ser humano “conectado” à Internet tem acesso todos os dias.

Jeremy Arnold, consultor em marketing, egresso da Universidade Brock e morador de Alberta, Canadá, retuitou #BringBackOurGirls e faz o seguinte comentário sobre a questão: “Olha, eu amo minha família, eu me importo com a justiça social. Também gosto de ver a NFL, mas isso não quer dizer que eu deixe de me importar com o que se passa na Ucrânia ou em Ruanda. Eu me importo com o meio ambiente. Reciclo. E me importo com meus amigos. Pois então, o que me importa o que aconteceu com essas meninas na Nigéria? Claro que sinto compaixão por elas. Mas considerando a estrutura de nossas vidas e de nossa sociedade, como podemos fazer mais por elas? É uma resposta de sete milhões de vidas.”

Verónica Calderón

Acesse no site de origem: [Só 140 caracteres de compromisso \(El País, 19/08/2014\)](#)